

PALAVRAS E EXPRESSÕES REGIONAIS COMO FATOR DE ENRIQUECIMENTO VOCABULAR

Sonia Maria da Fonseca Souza¹, Vyvian França Souza Gomes Muniz², Clodoaldo Sanches Fófano³.

1- Universidade Iguaçu, Itaperuna, RJ.

2- Centro Universitário São José de Itaperuna.

3- Faculdade Unida de Vitória e Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ).

Autor Correspondente:

Sonia Maria da Fonseca Souza

Email: sonifon1@hotmail.com

RESUMO

Nesta pesquisa foram investigadas as palavras e expressões regionais como fatores de enriquecimento vocabular. Pôde-se verificar que as evidências relacionadas à diversidade não correspondem ao mito da homogeneidade linguística. Ressalta-se que a heterogeneidade da língua é determinada por diversos fatores extralinguísticos como a região do falante, o sexo, a idade, entre outros fatores. Chegou-se à conclusão de que, ao se trabalhar em sala de aula, a diversidade linguística, oportuniza a reflexão das mais variadas linguagens, facilitando a comunicação entre alunos/alunos e alunos/professor.

Palavras-chave: Variação linguística. Regionalismo. Ensino.

ABSTRACT

In this research were investigated the regional words and expressions as vocabulary enrichment factors. It was verified that the evidence related to diversity does not match the myth of linguistic homogeneity. It is pointed out that the heterogeneity of language is determined by several extralinguistic factors such as the speaker's region, sex, age, and other factors. We came to the conclusion that, when working in class, linguistic diversity provides an opportunity to reflect the most varied languages, facilitating communication between students/students and students/teacher.

Keywords: Linguistic variation. Regionalism. Teaching.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, país de língua portuguesa, possui uma imensa variedade de falares regionais presente nos contextos de norte a sul. Isso leva, muitas vezes, ao desconhecimento dos significados de termos que são inesgotáveis. Então, o objeto de estudo desta pesquisa são as palavras e expressões regionais como fator de enriquecimento vocabular. Nesta perspectiva, emergiu a questão-problema que norteou este trabalho: de que forma as variantes linguísticas podem contribuir para o estudo semântico?

Para responder a esse questionamento traçou-se o seguinte objetivo: refletir sobre as variações linguísticas e sua contribuição para a comunicação linguística. E, ainda, os objetivos específicos que direcionaram este estudo: definir os tipos de variações linguísticas, demonstrar as mudanças de significados de palavras e expressões regionais. Colocar este tema em pauta é importante porque, como se sabe, toda pessoa fala um determinado idioma, conhece suas estruturas e regras gerais de funcionamento, mas não significa que todos os falantes utilizem de maneira rigorosamente igual a todos os vocábulos. Há, portanto, a necessidade de se conhecer o emprego e o significado do léxico, neste país de tão grande variabilidade. E, para alcançar o objetivo proposto, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura, em especial artigos científicos e livros. Privilegiou-se pautar-se pelas ideias e concepções de autores como Cunha e Cintra (1985), Ferreira (2000), Medeiros (2010) e Possenti (2012).

2. VARIABILIDADE LINGUÍSTICA: AS MÚLTIPLAS FACES DA PALAVRA

A variação linguística é um fator notório que permeia todo o continente brasileiro, seja pela extensão territorial seja pela cultura do indivíduo. Existe, portanto, um grande número de fatores que interferem na maneira individual que cada um tem ao se expressar: a idade, o grupo social, o sexo, o grau de escolaridade etc. O Brasil é um país plurarizado, cujo povo foi basicamente formado por imigrantes europeus e ao longo de sua história herdou a língua portuguesa, entretanto tem uma mistura de outras línguas como o latim, a língua indígena, o espanhol, o francês dentre outras.

Dentro de todo este contexto, encontram-se as mais diversas expressões regionais. Cada região tem sua forma de se expressar, até mesmo dentro dos municípios, as variações linguísticas são notadas. Diante disso, pode-se comprovar em nosso cotidiano que a língua varia no tempo e no espaço entre as classes sociais e entre as profissões. Logo, a língua nunca é usada de modo homogêneo por seus falantes.

Por isso, a semântica, “ciência que estuda as mudanças ou transformações sofridas, no tempo e no espaço, e pela significação das palavras”, (FERREIRA, 2000, p. 628) é um dos estudos que tem trazido para os alunos, muitas dificuldades, já que as palavras apresentam múltiplas faces.

Variedade é um conjunto de falares. Definição maior do que estilo de prosa ou estilo de linguagem. Escritores de sociolinguística usam o termo “leto”, que é um processo de criação de palavras para termos específicos. Segundo Camacho (1988) existem múltiplos fatores originando as variações, as quais recebem diferentes denominações. Dentre os exemplos de variações estão: dialetos, variações faladas por comunidades geograficamente definidas; idioma termo intermediário na distinção dialeto-linguagem usado para se referir ao sistema comunicativo estudado; socioletos, variações faladas por comunidades socialmente definidas; idioletos, uma variação particular de uma pessoa; registros ou diátipos, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões e etnoletos, para um grupo étnico. Além dessas variações pode-se considerar outros tipos ligados a aspectos aos quais se relacionam que são: variação sociocultural, variação geográfica e variação histórica.

Entre os linguistas, há várias formas de apresentar essa diversificação, mas, na verdade, todas convergem ao mesmo fim: mostrar a riqueza vocabular e, ainda, como acentua Possenti (2012, p. 29), no sentido de ter o cuidado para que essa variabilidade não leve ao preconceito:

Os grupos que falam uma língua ou um dialeto em geral julgam a fala dos outros a partir de si e acabam considerando que a diferença é um defeito ou um erro. Daí pensarmos, em geral, que os outros não sabem falar. Ou, ainda mais gravemente, acabarmos convencidos de que nós também não sabemos falar, se falamos de forma diferente daqueles que são para nós os modelos de comportamento linguístico. O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que da comparação de uma língua com outra. As razões são históricas culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente e que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente.

Passamos, assim, a definir algumas variações. Para Sarmento, Tufano (2010, p.178-179) a língua sofre alterações que dão origem a diferentes variações da linguagem.

Variação geográfica ou regional – maneira própria de falar de determinada região. Comparando a linguagem do norte e a do sul do Brasil, percebem-se claramente as diferenças existentes entre elas.

Variação popular – tem uma gramática própria. A concordância, por exemplo, é estabelecida de acordo com regras diferentes das que estabelecem a concordância na norma culta. Temos, por exemplo, “as bala” e não as balas etc.

Variação histórica – imposta pelos acontecimentos e mudanças comportamentais da sociedade ao longo dos tempos, sofre variações constantes. As palavras sofrem alterações na grafia ou mudam de sentido.

Segundo Carvalho (apud MEDEIROS, 2010, p. 33) “a adversidade provem ou de fator de ordem geográfica (ou local) ou de ordem social (ou cultural)”. Enfim, a diversidade ou informalidade de uma língua está condicionada por fatores extralinguísticos.

- Sociológicos: variantes originadas de idade, sexo, profissão, nível de escolaridade, classe social, raça.
- Geográficos: compreendem variantes regionais. Indivíduo de diferentes regiões tende a apresentar diversidade no uso da língua. Particularmente com relação ao vocabulário e expressões idiomáticas.
- Contextuais: envolvem assunto, tipo de interlocutor, lugar em que a comunicação ocorre, relações que unem interlocutores (MEDEIROS, 2010, p. 34).

Assim, a língua, como sistema de signos convencionados, tem caráter social: ela possibilita que os falantes de uma sociedade e outra mantenham uma relação que não é casual. A vida social supõe sempre o intercâmbio comunicacional que se realiza, sobretudo, pela língua.

A variação sociocultural é aquela que está relacionada ou que determina o meio social onde o indivíduo está inserido. Está relacionado ao grau de escolaridade, idade, sexo. A variação social não compromete a compreensão entre indivíduos. Em Sacconi (2004, p. 21) se lê: “[...] o ambiente sociocultural determina o nível de linguagem a ser empregada. O vocabulário, a sintaxe, a pronúncia e até a entonação variam segundo esse nível.” Dessa maneira, o falante obviamente, sem saber por si só, cria à sua maneira, uma linguagem de seu ambiente, estabelecendo a comunicação.

Já a variação regional pode comprometer a comunicação, pois determinados termos e expressões têm sentidos próprios em determinadas áreas geográficas. Contudo as diferenças linguísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo com as fronteiras geográficas.

Na variação histórica o processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo de falantes passa a ser usada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivos. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala, e, finalmente, consagra-se pelo uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado.

Carlos Drummond de Andrade, grande escritor brasileiro, elaborava seu texto a partir de uma variação linguística relacionada ao vocabulário usado em uma determinada época no Brasil como no texto a seguir:

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e prendadas. Não fazia nãos; completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. [...]. os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafos, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia (SARMENTO; TUFANO, 2010, p. 178).

Como se pode verificar, muitos termos como: “mademoiselles” “janota” “pé-de-alferes” e outras não são mais vocábulos empregados no nosso tempo.

Assim a variação semântica pode ser segundo Câmara Jr. (1985, p. 215)

Descritiva (sincrônica) e histórica (diacrônica). Na primeira, estuda-se a significação atual das palavras de uma língua. [...] leva-se em conta a polissemia de cada palavra, os campos semânticos, em cada palavra se associa com outros, na base de significações correlatas dentro da cultura a que a língua serve. A semântica histórica diacrônica estuda as mudanças de significação que sofrem as palavras no correr dos tempos.

Desse modo, as diferentes modalidades de variação linguística não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre elas: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Assim, na língua portuguesa há uma multiplicidade de uso, que se misturou inicialmente às línguas indígenas e, posteriormente, recebeu aquisições vocabulares dos dialetos dos índios, dos negros africanos e, mais tarde, com as línguas dos imigrantes: italiano, holandês, francês, inglês, alemão etc. enriquecendo o seu léxico e o diferenciando de norte a sul pelas mais variadas

circunstâncias. Por exemplo, os vocábulos herdados do latim, desde sua origem até os dias atuais, por forças de circunstâncias históricas, políticas e sociais, sofreram grandes transformações, tanto na escrita, quanto na pronúncia, como ressaltam Cunha, Cintra (1985, p.9):

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta como qualquer língua viva, internamente diferenciada em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, a grafia e o vocabulário. Embora seja inesgotável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos dialectólogos.

3. REGIONALISMO: CONTRIBUIÇÃO PARA AQUISIÇÃO VOCABULAR

As variações linguísticas dependem de regiões para regiões, de estado para estado ou de país para país. No Brasil umas das variações linguísticas mais notáveis referem-se ao nordestino e ao gaúcho. Por exemplo, um cearense e um gaúcho têm palavras diferentes para dizer menino: no Ceará – moleque, no sul – guri. No Ceará geralmente se fala “rápido” as palavras, enquanto o gaúcho se expressa vagarosamente com entonações diferentes para abrir e fechar as vogais. No entanto, todos se entendem.

Há, portanto, uma variação linguística muito rica em nosso país, que muitas vezes faz com que a língua se torne quase incompreensível entre as regiões. Na verdade, sabemos que a utilização dos vocábulos depende muito do nível de escolaridade do falante. Podemos ver algumas variações na mídia escrita e falada que ao fazermos uma reflexão do uso das palavras, vemos que não podemos estudá-las separadamente.

Em sociedades complexas convivem variedade linguísticas diferentes, usadas por diferentes grupos sociais, com diferentes acessos à educação formal. As diferenças tendem a ser maiores na língua falada que na língua escrita. Pessoas do mesmo grupo social expressam-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais ou de outro tipo. Há falares específicos para grupos específicos, como profissionais de uma mesma área: médico, policiais, profissionais de informática, metalúrgicos, médicos veterinários entre outros. Uma das variedades comuns entre jovens e grupos marginalizados são as gírias e jargões.

A gíria é uma das variedades mais presentes no cotidiano. Quase sempre é criada por um grupo social, como os dos faz de *rap*, *heavy metal*, *funk*, dos que praticam certas lutas como capoeira, jiu-jitsu. Quando ligada à profissão, a gíria é chamada de jargão. Cereja, Magalhães (2003, p. 18) citam algumas:

Dos rappers: atrás da muralha: presidiário; baú; bisteca: mulher bonita; treta: briga.

Dos carteiros: a lamba dói: a sacola está muito pesada; afundar Titanic: deixar de entregar todas as cartas; amarelinho: uniforme de carteiro; carta de penitenciária: veio de dentro; carta muito enfeitada: com declarações de amor.

Dos gamemaniacos: batalha: partida; apelão: jogador que usa sempre o mesmo golpe para vencer o inimigo; telas: cenário do jogo; vassoura-nova: jogador novo.

Dos internautas: imo (in my opinion): na minha opinião; moitar: falar reservadamente com alguém; add: adicionar; no pic(de picture): foto.

Diante disso, veem-se muitas diferenças. A linguagem ideal seria aquela que cada palavra apontasse apenas uma coisa, que correspondesse a uma só ideia ou conceito, que tivesse um só sentido. Como isso não acontece em nenhuma língua conhecida, as palavras são, por natureza enganosa, porque são polissêmicas ou plurivalentes. Segundo Garcia (2010, p. 17), “muitos constituem mesmo uma espécie de constelação semântica.”

Felizmente, essa realidade linguística diversificada já é reconhecida pelas instituições oficiais encarregadas de planejar a educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998, p. 29) que dizem:

A variação é constituída das línguas hermanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “língua portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Nem todas as variações linguísticas têm o mesmo prestígio social no Brasil. Algumas variações usadas por pessoas de determinadas classes sociais ou regiões podem indicar que há preconceitos em relação a elas.

Abaixo, o texto de Patativa do Assaré, um grande poeta popular nordestino, que fala do assunto:

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço pape
De argum menestré, ou errante canto
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à procura de amo.

Na tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o nome assina.

Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estuda.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu só entra no campo e na roça,
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.[...]
(AMARAL. 1955, p. 19)

Além desses casos de prestígios sociais, muitas palavras geram dúvidas sobre ser ou não ser uma variação no estado. É o que se vê, por exemplo, em Guimarães Rosa “O Grande sertão veredas”. Nessa obra a palavra ‘diabo’ é usada com uma infinidade tão grande de nomes que não dá para citá-los.

Segundo Silva Neto (1976, p. 385), o problema da variabilidade não é atual, pois os colonizadores vinham de todas as partes de Portugal, de modo que refletiam as várias peculiaridades dialetais portuguesas que no Brasil, em contato e interação se fundiram num denominador comum, de notável unidade, mas ao mesmo tempo de uma grande diversidade linguística, que não é fato de descoberta recente, embora, haja ainda, controvertidas com relação ao seu estudo.

Alguns estudiosos, mesmo que com ênfase no léxico já se preocupavam com aspectos dialetais no começo de século XIX. Um exemplo simples para ilustrar a homogeneidade se refere ao ato de atribuir diferentes palavras a uma mesma fruta conforme o uso regional, tais como: tangerina, mexerica ou laranja-cravo ou bergamota, pinha, fruta-do-conde (CALLOU; LEITE, 2002, p. 8). Embora a variabilidade linguística faça parte do dia-a-dia, alguns intelectuais de renome com visão crítica, deixam-se enganar por esse mito.

Darcy Ribeiro (apud BAGNO, 2011, p.15) afirmou: “É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos”.

Este mito advém da necessidade que temos de padronizar, construir uma ‘língua padrão’, culta, correta e perfeita que desconsidera a variabilidade existente. E continua: mas sabemos que a língua é um enorme iceberg flutuando no mar do temo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dela a chamada ‘norma culta’ (BAGNO, 2011, p. 9).

A sociolinguística tem mostrado ao longo dos anos que fortes argumentos para as variações linguísticas do português no Brasil estão centrados na própria constituição da

língua. Justificativas para uma ou outra realização fazem parte da sua origem. As diferentes atualizações da língua, que, em muitas circunstâncias batem de frente com as normas gramaticais, se devem como diz Cunha, Cintra (1986, p. 71):

Foi pela organização rural que começou o Brasil; antes de possuir cidades possui engenhos fazendas, sítios. A classe que tomou feição aristocrática ou de nobreza situava-se no mundo rural; vinha dos engenhos, das fazendas, dos sítios; e era ela que impunha as sedes administrativas, que vamos de vida, a própria administração, a formação dos conselhos e câmaras. Bahia, a velha capital da Colônia, e o Rio de Janeiro do domínio português jamais constituíram centros irradiadores de culturas comparáveis a México e Lima, que, então, rivalizaram em esplendor com Toledo Madrid ou Sevilha.

Nesta passagem, Cunha nos encoraja ainda mais em aceitar o português do Brasil, com suas características fonéticas, morfológicas, lexicais e sintáticos, até certo ponto independentes do português europeu. Portanto, com suas peculiaridades locais e distantes da língua de Portugal, de seus escritores e de membros da corte, enfim do purismo exagerado que inesgotavelmente impede a comunicação. Comunicar e, antes de tudo, fazer-se entender, nada pode impedir o estudo da variação linguística de acordo com as características de um Brasil gigante como o nosso. No aspecto lexical, exige-se um estudo minucioso a partir das múltiplas influências: português europeu, negros, índios, no período de formação, e, italianos, espanhóis, poloneses, alemães, no período da colonização. Algumas variações presentes de norte a sul do país. São regionalismo que não impedem que hoje, comunicação e compreende-las e levar para o cotidiano de sala de aula a aquisição e o enriquecimento vocabular. Através do conhecimento de vocábulos regionais é possível um profundo estudo semântico. A seguir, para exemplificar, algumas manifestações lexicais de algumas regiões brasileiras.

No Sul: galopito, ginete, changueiro, campeiraço, gaúcho, tchê, gaudério, gaitero, china, pampa, coxilha, bergamota, carafá, muchacho, mirar, vaquejada, cincha, cocho milho, ilhapa, lonanco. No Nordeste: aipim, macaxeira, baitola, chuê, berimbau, tapioca, dendê, araçá, agogô, acarajé, orixá, caatinga, mugunzá, cacimba, lapiana, pinchar. No Centro-Oeste: matula, chamamé, sesta, chalana, mangaba, siriema, mutum, guavira, piúva, tuiuiú, gueirova, bolicho, curicaca, quebra torto, buenas, varadouro, tropim, tijuco, putiã, piroga, gambira, funda. No Sudeste: marimba, quitanda, muxiba, bocó, canindé, pacaembu, biguá, maracanã, gariroba, guariroba, tiririca, baguassu, cajuru, caipira, cachaça, bruaca, chupeta, cumbuca.

Assim, nosso país recebe um léxico variado de uso popular como enriquecimento vocabular aproveitável e aproveitado que não se pode desprezar, apesar de toda essa diversificação. Que se começa em casa, na escola, no meio social e se estende na vida, não deixando, nenhuma delas, de serem boas, corretas e úteis à comunicação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa observou-se que o regionalismo linguístico do português no Brasil é diversificado. Tais diversidades se encontram presentes na sala de aula. Que por sua vez ocasionam conflitos com a variedade padrão e sucinta o desejo de uma padronização linguística.

A homogeneidade linguística não passa de um mito. Percebemos, claramente, que o alto grau de diversidade e de variabilidade ilustra nossa realidade. Sendo então superficial adotar como padrão uma única variedade (cult), desconhecendo que existem outras variedade (não-padrão) que assumem posturas funcionais.

Nesta pesquisa demonstra-se que o professor deve abordar o regionalismo linguístico na sala de maneira útil, sem preceitos, pois desta forma estará aceitando-o como uma prática de linguagem que pode ser usada para o aprimoramento da variedade não-padrão, dominada pelos discentes promovendo assim, a valorização da diversidade na unidade linguística.

Assim, espera-se que este estudo sirva como fonte subsidiária para educadores e pesquisadores que desejam interar-se da situação diversificada que se encontra nossa realidade linguística, buscando meios de promover o ensino descritivo-reflexivo da língua materna, sem preconceitos ou estereótipos.

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2.ed. São Paulo: Anhembi, 1955.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. 3. ed. Brasília: Secretaria de Educação, 1998.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Série Descobrindo o Brasil, 2002.

CAMACHO, R. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português-linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Empresarial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

SACCONI, L. A. **Nova Gramática – Teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 2004.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português**. São Paulo: Moderna, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1976.